

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UM TESTEMUNHO DO PRESENTE? FIGURAÇÕES DO TEMPO NA MODERNIDADE TRÁGICA DE GEORG SIMMEL

Edmo Videira Neto

Doutorando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

edmo.videira@gmail.com

Historiador, sociólogo, filósofo, crítico literário, ensaísta. Contemporaneamente, essas categorias são utilizadas para definir o ofício de autores e a área cuja suas obras pertencem. Uma marca característica de nosso tempo é enquadrar e sistematizar tudo e todos. O que essas definições escondem é que muitas vezes elas excluem mais do que agregam. Iniciar um texto sobre o intelectual alemão Georg Simmel (1858 - 1918) com uma rápida reflexão sobre categorias e disciplinas é um grande contrassenso. Isso porque, aquilo que nosso pensador mais criticava era justamente essas classificações. Portanto, é um esforço praticamente inútil tentar encaixar Simmel e sua obra em uma dessas definições. Mais do que o pai da sociologia, o filósofo da existência, e o ensaísta de uma época, Simmel foi o intelectual das ruas, preocupado com as formas cotidianas e minimalistas do conhecimento e da expressão dos dilemas de seu tempo. Assim, para começarmos a entender esse autor, precisamos nos despir dessas fictícias disciplinarizações que ditam o tom de nosso momento intelectual.

A obra de simmeliana é vasta, repleta de direções, pouco sistemática e exprime uma de suas características literárias fundamentais: o ensaísmo. Simmel não estava preocupado exclusivamente em sistematizar a nascente disciplina sociológica, ou em refletir sobre os métodos da filosofia da história. Uma de suas preocupações centrais era pular de objeto em objeto: dos alpes para o dinheiro, da moldura do quadro para a grande guerra, da prostituição para a cultura. Essa série de temas citados por nós constituem alguns dos clássicos ensaios do intelectual alemão e transmitem a dimensão da amplitude de sua obra. Portanto, precisamos fazer escolhas ao falar de Simmel. E para essa apresentação, escolhemos abordar três textos clássicos do autor: “*O dinheiro*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na cultura moderna”, “As grandes cidades e a vida do espírito” e “A crise do espírito”.

Nosso objetivo com esse trabalho é propor uma outra leitura e interpretação de Simmel que, como qualquer tentativa, assume de antemão seus riscos. A proposta que apresentamos é entender os textos selecionados como testemunhos do presente. Portanto, a pergunta que emerge dessas reflexões é: como esses textos podem ser entendidos como testemunhos intelectuais de um presente crítico e carente de sentido, funcionando como tentativas de refigurar a crise no interior da temporalidade moderna? Obviamente, não pretendemos oferecer uma resposta final para essa complexa questão. Mas acreditamos que testar algumas dessas categorias pode ser um importante caminho na tentativa de elucidar parte da obra de Simmel.

Se em meu primeiro contato com Simmel enquanto pesquisador busquei ler sua obra como uma história intelectual, talvez agora seja o momento de lançar novos olhares. Instigado pelo tema proposto para este simpósio temático que gira em torno das práticas de testemunho, buscarei desenvolver uma categoria de definição ainda frágil, mas que pode servir para entendermos o autor alemão: a ideia de testemunho intelectual. Portanto, a proposta aqui é ensaiar e testar hipóteses. Até que ponto os textos de Simmel podem ser compreendidos como testemunhos do presente? A partir de suas leituras, podemos contribuir para a elaboração de uma categoria de testemunho intelectual na qual textos de autores sobre seus períodos são lidos a partir de seus dramas, traumas e inquietações?

Em artigo intitulado *“Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes”*, Seligmann-Silva nos apresenta uma série de definições e usos para o conceito de testemunho. Um deles nos chamou a atenção e destacaremos agora. Segundo ele,

O modelo do testemunho como testis é visual e corresponde ao modelo do saber representacionista do positivismo, com sua concepção instrumental da linguagem e que crê na possibilidade de se transitar entre o tempo da cena histórica (ou a “cena do crime”) e o tempo em que se escreve a história (ou se desenrola o tribunal) (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 81).

A definição de testemunho como testis é interessante, mas ela pressupõe que todo testemunho é realizado após o evento experienciado. Mas o que acontece com a arte de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

testemunhar quando ela é feita no desenrolar do fato, no calor do momento ou, para utilizarmos um termo contemporâneo, em tempo real? A confusão que se estabelece aqui é justamente quando a pessoa que testemunha é, ao mesmo tempo, participante da cena do crime e membra do tribunal de julgamento. Narrar traumas em tempo real se torna uma atividade intelectual. E em nossa visão, podemos ler Simmel desta maneira.

Muitas vezes, a abordagem historiográfica com relação ao testemunho se relaciona com as narrativas elaboradas por sobreviventes que experienciaram eventos limites e que posteriormente, resolveram relatar suas memórias. A operação aqui, se estabelece do passado para o presente. No caso de Simmel, seu testemunho é o seu próprio presente, ou seja, suas análises dos pequenos detalhes da vida moderna também podem funcionar como esse testemunho intelectual. Além disso, ler Simmel com essa nova lente permite que coloquemos no centro do debate sobre o testemunho, os acontecimentos referentes à virada do século XIX para o século XX. Em nossa visão, propor esse movimento é contribuir para que a ideia de testemunho não fique restrita às experiências da shoah e da segunda guerra, mas também possa ser utilizada para compreender fenômenos traumáticos anteriores a esses eventos.

Portanto, realizar essa atividade interpretativa dos textos de Simmel parte do pressuposto de que nenhum autor escreve à revelia de seu tempo. Como Wieviorka já havia chamado a atenção no clássico *“The era of the Witness”*.

Os historiadores não vivem no vácuo. Eles vivem no mesmo mundo que todos, absorvendo os mesmos jornais e programas de televisão e preocupados com os mesmos debates, dos quais são frequentemente chamados a participar (WIEVIORKA, 2006, p. XIII).

Se originalmente a autora usa essa frase para discutir a relação entre os historiadores e os testemunhos para o tempo presente, acreditamos que podemos adaptá-la para pensarmos o fato de que, ao viver épocas conturbadas ou, “tempos sombrios” para utilizarmos um conceito que passou a ser largamente difundido no Brasil contemporâneo, a pessoa que escreve não consegue eximir de sua narrativa os seus dilemas temporais. É por isso a nossa aposta em ler Simmel como um testemunho. Nossa hipótese parte do princípio de que os textos que escolhemos para este trabalho possuem forte relação com os tempos complexos de Simmel e são alimentados por ele. Afinal de contas, qual seria a motivação para Simmel falar da estrutura temporal das

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

idades clássicas se não fosse a industrialização de Berlim? Por que nosso autor se dedicaria a repensar o dinheiro em uma época em que a guerra o transformava em mero papel? Enfim, porque escrever e reescrever vários textos sobre a guerra com posições distintas em cada um deles? Não conseguiremos, e nem almejamos responder essas perguntas, mas elas oferecem um importante ponto de partida.

Primeiramente, precisamos entender como Simmel define a tragédia da cultura, um sintoma característico de seu tempo. Segundo ele, esse fenômeno é a separação e a quebra do círculo entre sujeito e objeto. Na modernidade, o ser humano estaria rodeado por vários objetos culturais, mas nenhum deles seria realmente significativo para sua formação. Sendo assim, o processo da cultura não consegue ser completado, jogando o indivíduo e sua sociedade em uma iminente tragédia, pois as forças da destruição têm origem na própria cultura. O interessante aqui é notarmos que Simmel observa esse elemento trágico em cada aspecto da vida moderna. A tragicidade moderna identificada por Simmel se configura nos elementos particulares e, ao compreendê-los, o autor mantém e se debruça sobre os aspectos que tornam aqueles mínimos fenômenos, expressões e representações de várias tragédias. Portanto, esse cenário trágico da cultura moderna é o que faz Simmel testemunhar sobre seu tempo. E esses elementos afetam diariamente o sujeito que os experiencia. Como nos mostra Ramón Torre, um importante comentador, “o filho da tragédia simmeliana sofre de confusão e cansaço, de desorientação e de excessos nervosos. Ele é jogado em um mundo em que o absurdo prevalece” (TORRE, 2000, p. 55). E foi justamente esse mundo dominado pelo absurdo que Simmel resolveu narrar. Se em um primeiro momento nosso autor buscou teorizar filosoficamente o conceito de tragédia da cultura, agora podemos olhar para a sua análise prática ou para aquilo que entendemos como testemunhos intelectuais do presente.

O primeiro tema que abordaremos é o dinheiro. Em 1900, Simmel havia publicado sua obra de maior sucesso, *“Filosofia do Dinheiro”*, uma análise extensa do fenômeno monetário na modernidade. Mas antes desse livro, nosso autor publicara em 1896 o ensaio intitulado “o dinheiro na cultura moderna”. Com uma característica mais solta, o objeto dinheiro é ensaiado a partir das mudanças que introduz na sociedade. Ao testemunhar sobre o advento monetário, nosso autor diria que: “daí a inquietação, o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caráter febril e ininterrupto da vida moderna, a qual encontra no dinheiro a roda incessante que faz da máquina da vida um *perpetuum mobile*” (SIMMEL, 2013, p. 64). O dinheiro seria essa estrutura final de uma engrenagem, aquilo que permite a roda da modernidade continuar girando. Em um pedaço de papel, são personificadas todas as inquietações do sujeito moderno, por isso, “o dinheiro não apenas equaliza o que é distinto, senão que é símbolo de um processo histórico que impregna o presente vivido por Simmel” (WAIZBORT, 2000, p. 143). O autor alemão não se contentou apenas em identificar o dinheiro como esse símbolo. A metáfora que ele traz para nós é mais uma de suas importantes definições apresentadas. Segundo ele, “o dinheiro seria o Deus de nossa época” (SIMMEL, 2013, p. 64). Ao olharmos hoje para essa comparação, ela parece designar algo banal. Contudo, ao fazer essa referência em finais do século XIX, Simmel já identifica um processo que se aperfeiçoaria no correr dos anos. O dinheiro em sua modernidade já era esse Deus, um objeto universal que dá conta de todas as relações sociais. Em uma época onde os deuses estavam cada vez mais mortos, o sujeito moderno encontrou sua divindade nesse objeto que tem a “impessoalidade e ausência de cor” (SIMMEL, 2013, p. 64) como uma de suas características

A mudança social profunda que esse fenômeno monetário proporciona para a modernidade é bem demarcada por Simmel. Para ele, “essa forma de posse controlada a distância, que hoje damos por evidente, só se tornou possível desde que o dinheiro surgiu entre posse e proprietário, dividindo-os e vinculando-os” (SIMMEL, 2013, p. 52). Portanto, a mudança se daria também no âmbito das posses, pois antes do dinheiro, a riqueza era medida por outros meios. Agora, não se conta mais por gado, peles ou terra: a medida universal da modernidade é o dinheiro. Sobre isso, Vandenberghe nos diz que: “abstraindo a qualidade das coisas, o dinheiro acabou por representar o valor das coisas em quantidade pura sob uma forma numérica” (2018, p. 143). Graças a esse movimento moderno de quantificar tudo e todos, as formas de medidas se alteram na modernidade, pois como Simmel nos diz, “a pergunta ‘que isso vale’ é progressivamente suprimida pela pergunta ‘quanto vale’” (2013, p. 60). Agora, a qualidade e o caráter de um objeto ou de uma pessoa não estaria mais no benefício formativo oferecido para algo ou alguém, mas sim, no seu valor monetário que pode ser adquirido graças ao advento do dinheiro. Mais uma vez, o que anteriormente era um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

meio para se alcançar algo, se torna um fim em si mesmo, agora, podendo ser adquirido apenas se uma determinada quantia for paga.

No fenômeno do dinheiro podemos notar a primeira refiguração da temporalidade moderna que o testemunho de Simmel oferece. Se antes, a riqueza era medida em terras e outros objetos, agora tudo está condensado no dinheiro. O tempo lento da construção dos valores é substituído pelo tempo acelerado das trocas monetárias. Qualquer valor e, conseqüentemente, qualquer produto, podem ser alcançados apenas com um pedaço de papel. Portanto, o dinheiro é a primeira mudança temporal causada pela modernidade que Simmel testemunha intelectualmente. Mas esse fenômeno precisava ocorrer em algum lugar. O tempo do campesinato e das lentas trocas rurais já havia sido conquistado pelo tempo da modernidade. Por isso, o local do dinheiro são as grandes cidades.

Agora, trataremos de um dos textos mais famosos de Simmel, “*As grandes cidades e a vida do espírito*”, de 1903. Ele nos oferece um importante diagnóstico do espírito das cidades grandes, em especial, de Berlim. Como o próprio autor nos aponta, “as grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo” (SIMMEL, 2005, p. 578). Portanto, as grandes cidades se caracterizavam como o espelho da modernidade: nelas são refletidos os anseios e as tragédias diárias do sujeito moderno. E como nosso autor apontou, elas possuem uma dinâmica completamente diferente das cidades pequenas ou do campo. É em uma movimentada Berlim do começo do século XX que as trocas econômicas acontecem ininterruptamente e que o dinheiro vai se transformando nesse Deus contemporâneo. Por isso, “o dinheiro sempre foi um fenômeno urbano e é na cidade que ele pode alcançar a plenitude de suas significações” (WAIZBORT, 2000, p. 163). Para que essa roda da modernidade pudesse girar, era necessário que cidades fossem erguidas e povoadas, pois a dinâmica campesina não daria conta de suportar a tensão que essas mudanças sociais acarretavam. Somente de 1871 até 1919, curiosamente o espaço temporal da vida de Simmel, Berlim, sua cidade natal, passou de 826.000 mil habitantes para a incrível marca de 1.928.000 pessoas (WAIZBORT, 2000,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

p. 312). Um crescimento exorbitante que seria ainda mais acelerado pelo desenvolvimento industrial e a divisão do trabalho.

A cidade moderna é o lugar da aceleração, do ritmo incessante. Sobre este problema da alteração do ritmo da vida e da necessidade de estar sempre em movimento, Simmel nos apresenta um diagnóstico extremamente interessante para sua época e que pode ser usado por nós até os dias de hoje para definir o ritmo de nossas vidas: “se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e o tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo” (SIMMEL, 2005, p. 578). Não é difícil imaginarmos o caos que se tornaria se uma cidade tivesse todos os seus relógios paralisados. Pensem nas tarefas mais simples, como entrar e sair do trabalho, pegar um trem ou ir a um cinema, até as relações mais complexas de trocas econômicas, investimentos e decisões que são baseadas no tempo do relógio. Ao dizer que a vida de Berlim seria perturbada por um longo tempo se o tempo do relógio deixasse de existir, Simmel mostra como o sujeito moderno é constantemente perturbado e regulado por um instrumento que convencionamos utilizar para medir o tempo. Infelizmente, Simmel não dedicou mais textos para refletir sobre a predominância do relógio em sua era. Contudo, podemos fazer um paralelo interessante com o dinheiro, extensamente tematizado pelo nosso autor. Relógio e dinheiro são dos meios que, na modernidade, se tornaram um fim absoluto, regulando e domesticando o indivíduo. Sem estes dois elementos, a cidade grande, as trocas econômicas e a tragédia da cultura não seriam possíveis. Como bem nos aponta Waizbord, “uma organização racional não só do tempo, mas também do espaço, é fundamental para que a vida na cidade grande possa fluir” (2000, p. 320).

Com sua perspicácia característica, Simmel identifica o início de um processo que hoje sentimos de uma maneira devastadora. Tempo e espaço foram colonizados pelo espírito econômico moderno, da divisão do trabalho e da transformação dos meios em fins. E essa organização racional da modernidade é fundamental para que a estrutura funcione. Por isso é inconcebível os relógios de Berlim pararem de funcionar e a vida permanecer a mesma. Tempo, dinheiro e espaço (ou se preferir, modernidade, economia monetária e cidade grande) formam a tríade que regulam o sujeito moderno. De uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

forma ou de outra, essas são as mães da tragédia da cultura. Estas três instâncias relacionadas, atuam no processo de separação do sujeito e do objeto, impedindo que o indivíduo exerça sua formação. Novamente, precisamos dizer: o tempo lento do cultivo e da formação não encabe no tempo rápido da vida moderna.

Aqui, vale a pena apontarmos brevemente para a diferença das interpretações de Simmel sobre a cidade grande, e as cidades clássicas, como Roma por exemplo. Nesta visão simmeliana percebemos como o fenômeno urbano é um segundo elemento de refiguração temporal que Simmel testemunha na modernidade. Para o autor, o que diferenciaria esses lugares seria a sobreposição de temporalidades que encontramos nas cidades antigas. Segundo ele, “em Roma, o passado se torna presente para nós, ou também, inversamente, que o presente se torna para nós tão nebuloso [...] como se fosse um passado” (SIMMEL, 2003, p. 112). A diferença entre as cidades estaria nas camadas de tempo: enquanto Berlim, grande e moderna, representa o presente perpétuo de desenvolvimento e aceleração, a Roma clássica traduz para Simmel a sensação de historicidade, como uma obra de arte, onde diversas camadas de passado e presente se articulam em um mesmo tempo. Aqui reside a diferença entre a cidade “sem tempo” focada no instante atual (Berlim) e a cidade histórica, com múltiplas temporalidades que se entrecruzam (Roma).

Passamos agora às reflexões simmelianas sobre a guerra. Se durante toda a sua vida e produção a ambivalência marcou a trajetória de Simmel, na guerra não seria diferente. Entretanto, isso não exime nem alivia o fato de nosso autor ter se empolgado com a guerra logo no começo e partido para a defesa do conflito, assim como grande parte dos intelectuais alemães. Por isso, nesse primeiro momento, “Simmel pretende justificar o injustificável: a barbárie da guerra” (WAIZBORT, 2000, p. 271). Um exemplo desta questão é uma pergunta que Simmel coloca em seu ensaio “*A crise da cultura*”: “mas se esses são os sintomas de uma cultura doente, a guerra não designaria a irrupção da crise a partir da qual a convalescença pode se iniciar?” (SIMMEL, 2013, p. 104). Ao fazer este questionamento, nosso autor deixava claro que o advento da guerra era interpretado por ele como uma solução, um possível caminho para a resolução dos problemas modernos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Contudo, é curioso notarmos que no mesmo texto em que Simmel defende a guerra, também nos apresenta as seguintes palavras: “os tempos pacíficos das transições graduais, das misturas, da agradável penumbra, onde era possível se entregar alternadamente às oposições excludentes, podem ter chegado ao fim” (SIMMEL, 2013, p. 107). Lida hoje, essa passagem assume tons proféticos. De fato, os tempos de paz tinham chegado ao fim, se é que um dia existiram. Simmel não viveu para ver as transformações que o conflito acarretaria, mas já no começo da guerra, identificou com esse insight brilhante que a paz não voltaria tão cedo à Europa e ao mundo. E o desenrolar do século XX provou que a profecia simmeliana se cumpriria.

Nos testemunhos sobre a guerra, também podemos notar a conexão que este autor estabelecia com outros temas abordados por ele. Durante o conflito bélico, Simmel identificaria no vale-pão, uma das medidas instauradas para o racionamento de alimentos na Alemanha, um símbolo do momento histórico, pois essa medida deixaria clara “a inutilidade da riqueza, até dos mais ricos” (SIMMEL, 2013, p. 111). Agora, no contexto de guerra, não basta ter dinheiro, pois ele pode não ser o suficiente para conseguir alimentos e produtos. De acordo com Simmel, “os gêneros alimentícios, antes facilmente acessíveis caso se tivesse dinheiro, tornaram-se parcos e duvidosos” (SIMMEL, 2013, p. 111). O dinheiro, símbolo de uma época, perdia sua relevância com a guerra. Aqui vemos a principal característica de Simmel, de olhar para os elementos mais básicos do seu cotidiano. Ao dizer que os alimentos não são mais acessíveis com o dinheiro, nosso autor estabelece o terreno para chegar à conclusão de que os meios não são mais transformados em fins. Usando o exemplo do dinheiro, símbolo maior da tragédia da cultura, Simmel mostra esse processo de mudança das relações sociais provocadas pela guerra

Como Elizabeth Goodstein nos aponta:

Como tantos outros, Simmel foi levado pelo fervor patriótico de agosto de 1914. No início do ano seguinte, porém, ele já estava - muito publicamente - expressando profunda preocupação com as desastrosas consequências culturais da guerra para a Europa como um todo. (2017, p. 337).

Por isso, não é de se assustar que nosso autor, sobre a guerra, “já julgara em 1915 como nada menos que o ‘suicídio da Europa’” (GOODSTEIN, 2017, p. 35). E essa metáfora do suicídio, da autodestruição, talvez tenha sido a melhor forma utilizada pelo autor

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para definir o conflito. Em um de seus textos deste mesmo ano, como Goodstein nos aponta, Simmel teria dito que “a Europa está prestes a cometer suicídio e a América vê sua chance de se colocar no comando da história mundial” (2017, p. 35). Mais uma vez, sua previsão era bastante sintomática do momento em que vivia.

No fenômeno da guerra percebemos uma outra refiguração da temporalidade moderna por parte de Simmel. Como muito bem nos aponta o autor Leopoldo Waizbort: “para aqueles que a vivenciaram, a guerra marca em profundidade o tempo, é uma ruptura, mas uma ruptura que se abre para um novo tempo, um futuro novo, inaudito, prenhe de possibilidades, e redentor” (2000, p. 267). E foi nessa linha de reflexão que Simmel seguiu seus testemunhos até que, já no fim da vida, passou a entender a guerra como o suicídio da Europa e a assumir a série de catástrofes de seu tempo como um panorama de difícil reversão. Portanto, a interpretação de Simmel sobre a grande guerra parece ser um pêndulo que oscila entre a redenção e o suicídio.

Ao apresentarmos esses três ensaios de Simmel sobre eventos e fenômenos da modernidade, procuramos salientar como cada um deles pode funcionar enquanto testemunhos intelectuais de seu presente. Neste sentido, Simmel é ao mesmo tempo aquele que experiencia e narra seus traumas, inquietações e dilemas. Portanto, a atividade realizada pelo intelectual alemão também pode ser entendida como uma narrativização de seu tempo, ou seja, apresentar para os leitores os principais problemas que afetariam aquela cultura. Ler Simmel como forma de testemunho pode ser uma interessante alternativa para repensarmos não só essa categoria, mas também quais os desafios enfrentados por ela quando o ato de testemunhar se desenrolar em tempo real

Referências bibliográficas

FORTUNA, Carlos. Simmel e as cidades históricas italianas – Uma introdução. *Revista crítica de Ciências Sociais*, 67, Dezembro 2003, p. 101 – 127.

GOODSTEIN, Elizabeth. *Georg Simmel and the disciplinary imaginary*. Stanford University Press. Califórnia, 2017.

PORTIOLI, Claudia. War, Culture and Lebensreform. Germany’s way to itself? Few considerations on Simmel’s war writings. *Simmel Studies* Vol. 22, Num. 2/18, pp. 99-124.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Proj. História*, São Paulo, (30), jun. 2005, p. 71 – 98.

SIMMEL, Georg. A crise da cultura. In: SIMMEL, Georg. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. Arthur Bueno (org). Editora Senac, São Paulo, 2013.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. *MANA* 11(2): 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v.9, n.1, p. 147, jan/jun 2014.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SIMMEL, Georg. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. Arthur Bueno (org). Editora Senac, São Paulo, 2013.

TORRE, Ramon. Simmel y la tragédia de la cultura. *Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, No. 89, Monográfico: Georg Simmel en el centenario de Filosofía del dinero (Jan. - Mar., 2000), pp. 37-71.

VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis, Vozes, 2018.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. Editora 34, 1ª edição, São Paulo, 2000.

WIEVIORKA, Annette. *The era of the witness*. Cornell University, 2006.